



XADREZ BEM BRASILEIRO

EDIÇÃO #005 NOV.2020 - R\$19,90



COM LIÇÕES EXCLUSIVAS EM VÍDEO!



FINAIS DE TORRES

A técnica dos Grandes Mestres na conversão de vantagens - **GM Matsuura**

DESTRUIÇÃO TÁTICA

O fogo cruzado do século XIX - **Douglas Jen**

CLÁSSICO É CLÁSSICO

Rio de Janeiro 25 - **André Basso**

RTS CRÔNICAS

Um enxadrista no divã - **AI Roberto Telles**

O CAMINHO DE VOLTA

Aceitação, o lance para mudança - **Taisa Bordignon**

XADREZ 360°

Panamericano Universitário e Norway Chess - **Flávio Novais**

GÉRSON PERES E OS 20 ANOS DE CXOL

Criador do Método dos 6 Pilares, que já foi apresentado para mais de 16 mil alunos, fala sobre os 20 anos de Clube de Xadrez OnLine.

E MAIS: QUESTÕES DE ARBITRAGEM (**AN Erick Ramos**) | COLUNA DO ESTRATEGISTA (**Douglas Jen**)
EMPATE OU VITÓRIA, EIS A QUESTÃO! (**AI Roberto Telles**)



ESTRATÉGIA AVANÇADA (parte 5)

Troca de Peças Menores transformando a estrutura PDI em Peões Colgantes - **GM Everaldo Matsuura**

AMOSTRA DA REVISTA XADREZ BEM BRASILEIRO
EDIÇÃO #005 - NOV/2020

Complete sua coleção! Vendas direto no site www.xadrezbembrasileiro.com.br

ESTRATÉGIA AVANÇADA COM O #GMBEMBRASILEIRO

Conheça os segredos que somente um Grande Mestre pode te contar!



POR GM EVERALDO MATSUURA

Trocar ou não trocar, eis a questão Parte 5

Troca de Peças Menores Transformando a Estrutura PDI em Peões Colgantes

Nesta edição abordaremos uma questão fundamental nas posições com o Peão Dama Isolado (PDI): quando vale a pena alterá-las (por meio de uma simplificação) para a estrutura dos Peões Colgantes.

Partida 08

Bozidar Ivanovic (2510)

Anatoly Karpov (2775)

Bijelo Polje (m/1), 1996

Iniciaremos nosso estudo com os "colgantes" permanecendo em "c3" e "d4" (exemplos 1 e 2).

1.e4 c6 2.d4 d5 3.exd5 cxd5 4.c4 d6 5.d3 e6 6.f3 e7 7.cxd5 dxd5 8.d3 c6 9.0-0 0-0 10.e1 d6 11.g5

11.a3

11...b6

Era possível acelerar o bloqueio em "d5" aproveitando a ausência do lance a3. Entretanto, após: 11...b4 12.b1 b6 13.a3 d6 14.d3 g6 15.e5 b7 16.h6 e8 17.h3 d7 17...f8 18.g5 e7 19.a2↑, as brancas ficariam em condições ideais para manter uma perigosa iniciativa.

Por exemplo:

19...c8 (19...dxc3? 20.dxf7 cxf7 21.xe6+ g7 22.f7+ h8 23.xf6+ xf6 24.xe8+ xe8 25.xf6#) 20.dxf7!? cxf7 21.xe6 g7 22.ae1 d8 23.xe7 dxe7 24.g3 f5 25.e5+ d6 26.xe8 xe8 27.e6

É importante salientar que o bloqueio precoce tende a relaxar a tensão sobre o PDI, propiciando uma rápida mobilização das peças deste bando.

12.e2

O arranjo mais comum é: 12.a3, seguido de e2 (ou b1), d3, ad1.

No presente caso o desenvolvimento não inclui essa profilaxia.

12...b7

12...b4? 13.xf6 xf6 14.xh7+ hx7 15.e4+ g8 16.xa8 d2 17.xa7±

13.ad1 d4 14.b1 c8 15.e5 d6

A manobra é concluída apenas depois de finalizado o desenvolvimento. Dessa forma as possibilidades de contra-jogo surgem mais rapidamente.

15...e8? 16.xf6 xf6 17.xh7+ hx7 18.h5+ g8 19.xf7+ h7 20.e3+-; 15...d5 16.d2 d6 17.e3 d5 18.h3 f5 19.a3 d6 20.a2↑ T. V. Petrosian - M.

Najdorf, Moscou 1967.

16.d3 g6 17.h6 e8 18.h3

Uma típica passagem horizontal criando a ameaça do sacrifício em "f7".

18...f8 19.g5 e7

19...g7?! 20.dxd5 xd5 (20...xd5 21.xf6 xf6 22.e4 xe4 23.xe4 xe4 24.e3±) 21.h4±

20.h6 f8 21.d2!?



Diagrama 15

A posição bastante ativa justifica a recusa da repetição de movimentos 21.g5=

21...xc3

Estando a torre na coluna "c", essa troca faz todo sentido. Com a provável mudança estrutural a nova debilidade "c3" ficará imediatamente sob pressão.

22.bxc3

22.xc3 g7 (22...d5? 23.dxf7 cxf7 24.xh7+ g7 25.xg6+ f8 26.d2±)

22...b5?!

Do ponto de vista puramente estratégico, fixar o alvo em "c3" é bastante lógico. No entanto, era mais prudente evitar a cravada do d6, defendendo ao mesmo tempo "f7": 22...c7!? 23.c4 g7=

23.d3?!

O foco deveria permanecer na ala do rei: 23.g5! d5

a) 23...e7? 24.xf6 xf6 25.dxf7 cxf7 26.xh7+ g7 27.xg6+ f8 28.d5! xd5 29.xe8 g5 (29...xe8 30.xd5+) 30.xd5 xd5 31.h5+-;

b) 23...g7 24.h4 xc3 25.f3 (25.d4 d5) 25...h6 (25...h5 26.e4 d5 27.g4→) 26.xh6 xh6 27.xh6→;

24.e3→, com boas perspectivas de ataque.

23...a6 24.b1 c7



Diagrama 16

25.c4?

Provavelmente uma falha no cálculo. Ainda era possível manter a tensão numa via de mão dupla: 25.a4 b4 (25...bxa4 26.g5 g7 (26...e7? 27.xb7! xb7 28.d6 d7 29.dxe7+ xe7 30.f3+-) 27.h4↑) 26.cxb4 xd4 27.b5 axb5 28.a5 cc8 29.xb5 c2∞

25...bxc4 26.xc4

26.a5 cxd3 27.xb7 d2! 28.f1 xd4+-

26...xd4 27.a5

27.c3 c5 28.b4 (28.d6 xg6 xc4 29.xf6 fxg6+-) 28...a7±

27...xc4 28.xb7?



Diagrama 17

Com tantas peças "penduradas" resulta difícil mantê-las a salvo. 28.dxc4 xc4 29.xb7 d5 30.c3 (30.f3 xa5+) 30...xb7 31.xf6 d5±

28...c5!+ 29.c7 29.b6 xe5+-

29...d5 30.a7 30.f3 xf3 31.dxf3 e7+-

30...e7 31.h4 exc7 32.xc7 xc7

As brancas abandonaram (33.f6 g7 34.f4 xe5+-)

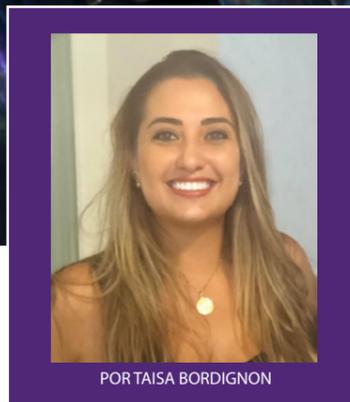
0-1



O CAMINHO DE VOLTA



“Aceitação, o lance para a mudança.”



PORTAISA BORDIGNON

Você pode estar se questionando se a aceitação mencionada no título deste artigo está relacionada ao “aceitar” correr risco em uma partida, em que foi sacrificado material para um ataque não tão claro. É possível também indagar se me refiro a “aceitar” sair da zona de conforto, como por exemplo, sendo um jogador de estilo agressivo, escolher como estratégia jogar determinada partida uma abertura posicional.

Também é possível encarar o “aceitar” como sendo o de analisar a planilha após a partida e se deparar com uma análise incongruente em seu ponto de vista. Constatar que um determinado lance, em seu entendimento, era o “lance da partida”, porém na avaliação da engine, ainda que ela também o classifique como lance vencedor, avaliou esse lance como impreciso, pois havia ganhos mais rápidos e fáceis.

Podemos refletir também sobre procurar um comportamento de aprovação de familiares ou treinadores antes de mover uma peça, buscando a “aceitação” dos mesmos referente a seu raciocínio e jogo.

Não trago a aceitação vinculada a esses termos.

A aceitação a que me refiro está além do jogo, mas na nossa forma de ressignificar e transformar nosso “Eu”. Está no mais íntimo do nosso Ser. É uma forma de “enfrentar o jogo”, de você “contra” você mesmo.

É extremamente difícil e doloroso compactuar com algo que somos, mas não desejamos ser. Normalmente apon-tamos e julgamos nos outros, aquilo que não suporta-

mos olhar em nós mesmos. E passamos uma vida, com desculpas e não transformamos em nós aquilo que nos incomoda. Como disse Carl Gustav Jung “As pessoas fazem de tudo, chegando aos limites do absurdo para evitar enfrentar a sua própria alma”.

A aceitação a que me refiro está além do jogo, mas na nossa forma de ressignificar e transformar nosso “Eu”.

Não existe transformação em nossas condutas, personalidade, traços de identidade, se não houver aceitação. Só podemos mudar algo, quando aceitamos que este existe. E essa frase pode beirar o absurdo, porém precisamos entender o quanto fazemos de possível e de impossível para camuflar nossas sombras para os outros e para nós mesmos. Como mencionada por Jung “Ninguém se torna iluminado por imaginar figuras de luz, mas sim por tornar consciente a escuridão”.

Só podemos mudar algo, quando aceitamos que este existe.

É uma tentativa superficial e desconexa acreditar que, negando algo, esse algo deixará de existir. Carl Gustav Jung destaca “o que você resiste, persiste”. E esta resistência faz com que “lutemos” batalhas pesadas e dolorosas com nós mesmos, pelo fato de querer camuflar o que somos e não aceitamos ser. Como relatado na música “Quero me curar de mim” de Flaira Ferro: “Pra me encher do que importa, preciso me esvaziar, minhas feras encarar, me reconhecer hipócrita”.

É uma tentativa superficial e desconexa acreditar que, negando algo, esse algo deixará de existir.

Parece loucura, devido à nossa dificuldade de compreensão de que, por meio da aceitação, seja possível compactuar com tudo que se passa conosco. Pois, “aceitar” nos dias de hoje é sinônimo de fraqueza. Todavia, precisamos identificar nossas imperfeições, e acolher, aceitar, que algumas delas podem ser mudadas e outras não. Se não olharmos para nós mesmos com essa consciência e aceitação, estaremos sempre buscando ser o que não somos, trazendo incongruência em nosso viver.

Se não há aceitação, criamos muralhas internas, nos deixando em uma zona de conforto ilusória, com a sensação de que está tudo bem e que não existe nada a ser modificado. A velha brincadeira da Síndrome de Gabriela “Eu nasci assim, eu cresci assim. Eu sou mesmo assim. Vou ser sempre assim” (música: Modinha para Gabriela - Dorival Caymmi)

Como disse Carl Rogers “Quanto mais um indivíduo é compreendido e aceito, maior tendência tem para abandonar as falsas defesas que empregou para enfrentar a vida, e para progredir num caminho construtivo”. Logo, com aceitação, a resignificação ocorre com menos sofrimento, trazendo congruência com a dificuldade interna. E esse movimento de “acolhimento” é o que torna capaz e visível o caminho de cura.

O que é cura para você?

O que é cura para você? Normalmente, as respostas a essa pergunta possuem palavras como: eliminar, extinguir, aliviar, entre outros. Porém a meu ver, curar é olhar com cuidado, atenção, acolhimento e amorosidade.

Por exemplo, se vamos realizar uma faxina em nossa casa, mas negamos a existência de um quarto, o mesmo nunca terá as portas e janelas abertas para “ser transformado” e “limpo”. Isso também acontece conosco. A partir do momento que negamos nossas características que não apreciamos, não possuímos poder e autonomia para transformá-las. Assim sendo, observar e aceitar o que somos é a base primordial para qualquer mudança.

Quem nunca atuou com estilo posicional, sempre recebendo constantes

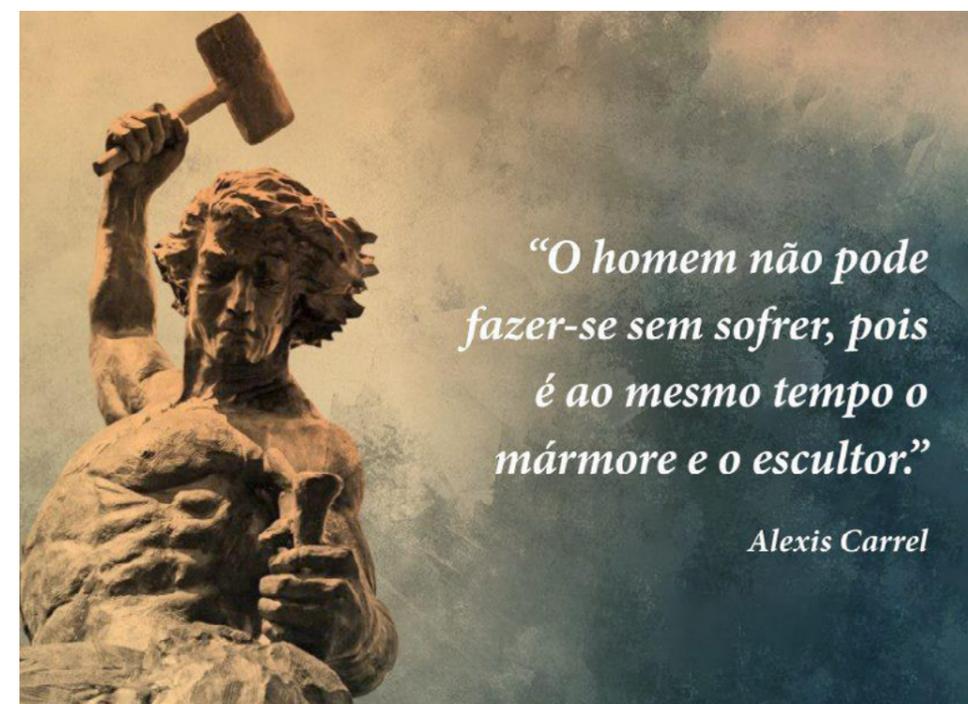
feedbacks de que precisa ser mais agressivo, passa a viver um impasse consigo mesmo? Por que não se aceitar como é e a sua forma de jogar? Por que não aceitar as características positivas do seu estilo de jogo? Por que não parar de lutar e tentar ser algo que não condiz com sua forma de personalidade? Ou até mesmo, por que não aceitar que é posicional e lidar com isso?

Quem nunca, após jogar uma partida em que o adversário utilizou uma abertura secundária ou irregular, de imediato avaliou esse jogador como não qualificado e, internamente, surgem vários rótulos para classificá-lo como ruim, “louco”, entre outros. Isso tudo pelo simples fato de o sujeito atuar com autenticidade e assim ser um espelho da sua própria resistência, de sair do padrão ou ir além do estabelecido como ideal.

É tão conturbador para nós mesmos não aceitarmos ser algo e lutar uma vida para combater essa característica, negando-a em nós ou nos outros. E quanto mais se nega aquilo que é, mais essa característica omitida atrapalha, emperra e não flui. Como afirma Carl Rogers “O curioso paradoxo é que quando me aceito como sou, então posso mudar”. Pois, saímos da zona da “briga” e “negação”, para a zona de “acolhimento” e “transformação”.

A mudança real necessita ocorrer “de dentro para fora”.

Precisamos levantar do nosso “sofá emocional”, sair da “sensação de conforto” e entender que viver é experienciar processos de mudanças. Fecho essa nossa reflexão com meu Mestre de atuação em Psicoterapia Carl Rogers “A “vida boa” é um processo, não um estado. É uma direção, não um destino”. Logo, nada em nós está pronto, mas construindo. A mudança real necessita ocorrer “de dentro para fora”. E para que isso ocorra, aceite as suas partes, as quais nega de si mesmo.



“O homem não pode fazer-se sem sofrer, pois é ao mesmo tempo o mármore e o escultor.”

Alexis Carrel

FINAIS DE TORRES

A técnica dos mestres na conversão de vantagens - Parte



POR GM EVERALDO MATSUURA

Apoio por trás do peão passado

Nesta edição abordaremos exemplos de finais com peões em ambos os flancos e a torre apoiando por trás um peão passado.

Partida 18

Alexander Alekhine
Jose Raul Capablanca

World Championship 13th Buenos Aires (34), 26.11.1927

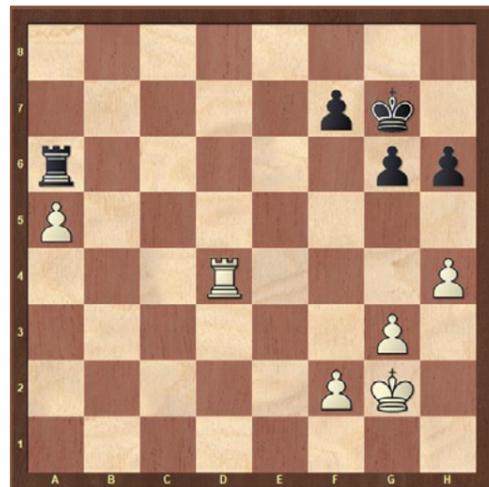


Diagrama 75

Este final decidiu o título mundial a favor de Alekhine em seu histórico match contra Capablanca (+6, -3, =25) As brancas contam com um peão extra na ala da dama e com o lance seguinte o apoiam da forma mais eficaz (com a torre atrás do peão).

Desta forma a torre adversária ficará atada ao bloqueio.

54.♖a4 ♗f6 55.♗f3 ♗e5 56.♗e3

Inicialmente o rei se prepara para desalojar o bloqueador. Todavia, seu rival consegue, por meio da oposição, evitar esta operação, além de impedir qualquer tentativa de progresso pelo outro flanco.

56...h5 57.♗d3 ♗d5 58.♗c3 ♗c5 59.♖a2!

Uma jogada de espera. Considerando que abandonar o bloqueio não deve ser uma boa opção e qualquer lance de peão poderia comprometer a estrutura, a oposição não poderá ser mantida.

59...♗b5 60.♗b3 ♗c5

A captura em "a5" conduziria a um final de peões em que a proximidade dos reis da ala oposta seria o fator determinante.

60...♖xa5 61.♖xa5+ ♗xa5 62.♗c4 ♗b6 63.♗d5 ♗c7 64.♗e5 ♗d7 65.♗f6 ♗e8 66.f4 ♗f8 67.f5 gxf5 68.♗xf5 ♗g7 69.♗g5+-

Depois da queda de "h5", a conclusão seria bastante óbvia.

61.♗c3 ♗b5

(ver diagrama 76)

62.♗d4!

Agora a rota em direção aos infantis inimigos está liberada.

62...♖d6+

Uma substituição do bloqueador. Nos finais de torre quando uma das peças deve ter um papel passivo normalmente essa atribuição pertence ao rei. A torre tem prioridade para permanecer livre.

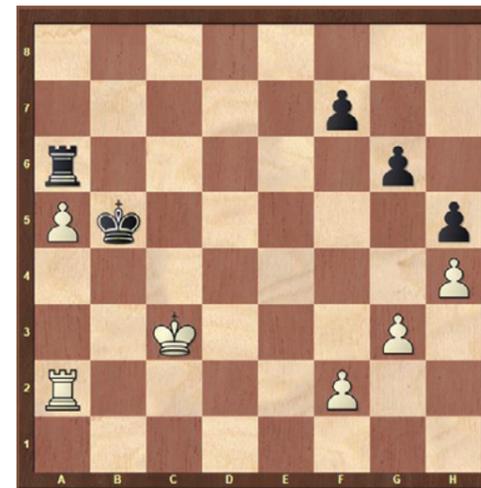


Diagrama 76 (após 61... ♗b5)

62...♗b4 63.♖a1! ♗b3 64.♗c5+-

63.♗e5 ♖e6+ 64.♗f4 ♗a6

64...f6 65.a6! ♖xa6 66.♖xa6 ♗xa6 67.♗e4 ♗b6 68.♗d5

Poderíamos afirmar que o peão passado funcionou como uma isca (boi-de-piranha) para o monarca oponente.

65.♗g5 ♖e5+ 66.♗h6 ♖f5 67.f4

O caminho mais fácil para a "colheita" seria impor uma situação de zugzwang:

67.♗g7 ♖f3 68.♗g8 ♖f6 69.♗f8 ♖f3 (69...♖f5 70.f4) 70.♗g7 ♖f5 71.f4+-, como indicou o próprio Alekhine.

67...♖c5 68.♖a3 ♖c7

Capablanca consegue desta forma prolongar a resistência. Com a defesa pela sétima fila não haverá mais problemas relacionados ao zugzwang e a estrutura das pretas deverá ser minada.

68...♖f5 69.♗g7♖+-

69.♗g7 ♖d7

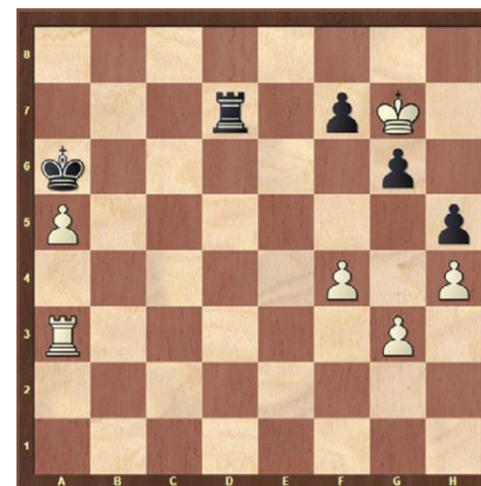


Diagrama 77

70.f5!? gxf5 71.♗h6 f4! 72.gxf4 ♖d5 73.♗g7 ♖f5 74.♖a4 ♗b5 75.♖e4

Devido à ameaça das trocas, o peão "a5" segue sendo tabu.

75...♗a6 76.♗h6 ♖xa5

76...♗a7 77.♖e5 ♖xf4 78.♗xh5+-;

76...♗xa5 77.♖e5+-

77.♖e5 ♖a1

77...♖a4 78.♖f5+-

78.♗xh5 ♖g1 79.♖g5 ♖h1 80.♖f5 ♗b6 81.♖xf7 ♗c6 82.♖e7

Com o corte vertical do rei, a vitória se alcança sem a necessidade do peão "h". "Rei morto, rei posto". Um novo reinado tinha início!

1-0



COMPLETE SUA COLEÇÃO!



ESCREVA PARA NÓS!

contato@xadrezbembrasileiro.com.br



XADREZ BEM BRASILEIRO

EDIÇÃO #005 - NOV.2020

Revista Xadrez Bem Brasileiro, a maior revista do Brasil dedicada exclusivamente ao xadrez!

○ **Prof. Gérson Peres** é o destaque da Revista Xadrez Bem Brasileiro de NOV/2020! Uma entrevista especial com o criador do método dos 6 pilares, que já foi apresentado para mais de 16 mil alunos. Como justifica os 20 anos de sucesso da CXOL?

○ **GM Everaldo Matsuura** escreve a seção Estratégia Avançada falando sobre a troca de peças menores, transformando a Estrutura PDI em **Peões Colgantes!**

Na revista você ainda encontra:

- Finais de Torres (GM Everaldo Matsuura);
- Em Xaque com Novais (Flávio Novais);
- Destruição Tática (Douglas Jen),
- Clássico é Clássico (André Basso);
- RTS Crônicas (Al Roberto Telles);
- O Caminho de Volta (Taisa Bordignon);
- Questões de Arbitragem (AN Erick Ramos),
- Xadrez 360º: notícias sobre o mundo do xadrez (Flávio Novais).

BÔNUS PARA QUEM ADQUIRIR A EDIÇÃO DE NOV/2020:

BÔNUS 1: Curso CXOL

- Dominando a Inglesa (Variante Bremen) - 4h;

BÔNUS 2: Curso CXOL

- Jogue a Siciliana Dragão Hipercelerado (2...g6) - 4h;

BÔNUS 3: Vídeo do GM Everaldo Matsuura
analisando partidas da seção Estratégia Avançada.

CLICK AQUI
E ADQUIRA SEU EXEMPLAR!